

Encontro revela diferenças entre os presidenciáveis

(Vandeck Santiago)

Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva firmaram compromissos e mostraram diferenciais para conquistar o eleitor Brasília - A pré-candidata Dilma Rousseff (PT) quer tornar o Brasil "um país de classe média", com a erradicação da miséria e a redução da pobreza; José Serra (PSDB) propõe "mais gastos com a população e menos com a máquina pública", que segundo ele é alvo de "loteamento político" no preenchimento de cargos, e Marina Silva (PV) prega que no primeiro turno o voto deve ser "o do coração" - no segundo turno, acrescentou, a escolha deve ser para "desviar-se do pior". Dilma se comprometeu com a erradicação da miséria. Serra propôs mais gasto com a população e menos com a máquina e Marina defendeu o voto do coração. Em meio a citação de dados estatísticos e de frases que esperam virar slogans, este foi o resumo da apresentação deles ontem em Brasília no "Encontro com os presidenciáveis", promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).



Cada um falou durante 25 minutos, respondendo em seguida a três perguntas de empresários. Em termos de recepção, Serra foi o mais aplaudido, e com entusiasmo; às vezes os aplausos vinham antes mesmo que ele completasse a frase. Dilma foi a menos aplaudida, e com discrição. Já Marina teve a atenção que todo público dá a quem disputa aparentemente sem chances de ganhar. Se havia alguma dúvida sobre quem é o candidato preferido pela indústria nacional, o encontro de ontem a eliminou. A ordem de apresentação foi definida por sorteio. Coube a Dilma ser a primeira a falar. Foi a única a repetidamente enfatizar a questão da pobreza e da melhoria de vida das pessoas - associando-se a uma das principais conquistas do presidente Luiz



Inácio Lula da Silva. Por três vezes usou a frase "pela primeira vez neste país" para destacar conquistas obtidas pelo governo Lula: "Pela primeira vez as pessoas estão subindo de vida no Brasil", afirmou, ao referir-se à ascensão de 31 milhões de pessoas para a classe C (que ganham de R\$ 1.115 a R\$ 4.807, segundo a Fundação Getúlio Vargas). Destacou que o Brasil "foi o último país a entrar e o primeiro a sair da crise mundial, a mais grave que o mundo viveu desde 1939". Isso foi possível, segundo ela, porque o país havia desenvolvido um forte mercado interno, desenvolvido uma "boa política macroeconômica" e conciliado "robustez com equilíbrio fiscal". Comprometeu-se a, se eleita, empenhar-se em fazer uma reforma tributária, que classificou de "a mãe de todas as reformas". Em seguida foi a vez da apresentação de José Serra. Fugindo ao estilo "paz e amor" que vinha adotando nas últimas semanas, quando chegou a afirmar (no Recife) que Lula "estava acima do bem e do mal", o pré-candidato tucano criticou o loteamento de cargos no governo e a - segundo ele - ausência de solução para os problemas de infraestrutura. "Falta planejamento no investimento governamental. Falta capacidade de gestão e capacidade de fazer um sequenciamento. Se tudo é prioridade, nada é prioridade", afirmou ele. Condenou também o que chamou de "desindustrialização" do país, que estaria em curso: "Sem desenvolvimento industrial poderoso, o Brasil nunca será um país desenvolvido". Reclamou no começo e no final da falta de um debate direto entre os candidatos, para que se pudesse "comparar cada um, as ideias, o domínio dos assuntos". Na comparação entre o discurso dos dois, o de Serra foi mais

"profissionalmente econômico", voltado para o público empresarial que o assistia; já o de Dilma pareceu em parte direcionado para um público que estava fora dali - os pobres e os que estão ascendendo de condição social. Cada um foi eficiente naquilo que se propôs. Marina Silva (PV) lançou o que deve tornar-se o seu mote eleitoral, afirmando que no primeiro turno "vota-se com o coração" e no segundo, escolhendo o menos ruim - ou "desviando-se do pior", segundo expressão que utilizou. Criticou o PAC, carro-chefe da propaganda de Dilma: "Não temos um programa de infraestrutura para o Brasil. O PAC não é um programa, é uma colagem, uma gestão de obras. Não é um programa pensando o crescimento do Brasil". Na apresentação,



Marina manteve-se discreta, sem gesticular muito nem fazer caras e bocas. Mas Serra e Dilma procuraram demonstrar uma informalidade que em alguns momentos ficou exagerada. Sobretudo Serra, que no final chegou até a pedir desculpas pela "informalidade". Ao falar de importação, por exemplo, ele deu o exemplo de camisinha produzida pela China com "pena de galinha fervida", que ainda por cima "tinha furos". O "Encontro com os Presidenciáveis", título oficial do evento, durou cerca de 5 horas. A abertura foi feita pelo presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, que entre outras coisas defendeu que o Brasil deveria dobrar a renda per capita a cada 15 anos. Logo em seguida falaram cinco empresários, cada um deles durante 25 minutos, e apresentando um tema da agenda da indústria para os candidatos. O encontro serviu para os empresários apresentarem suas reivindicações aos candidatos, como a redução de impostos, investimento em infraestrutura e alterações na legislação trabalhista. O repórter viajou a convite da CNI